

## AINDA SOBRE A MOEDA DE X RÉIS DE 1799

José Rodrigues Marinho

Num trabalho apresentado em 1985 ao III Congresso Nacional de Numismática, intitulado «Uma análise das cunhagens portuguesas por balancé» <sup>(1)</sup>, foi estudada, entre outras, a moeda de X réis de 1799, como contribuição para um melhor conhecimento do número aproximado de cunhos necessários ao fabrico de uma qualquer emissão e, bem assim, do presumível número de moedas com eles batidas. O problema então ligado a esta espécie esteve, tão somente, na avaliação da quantidade de cunhos utilizados no seu fabrico, uma vez que o número de exemplares emitidos — 219 729 moedas — já era conhecido através das estatísticas da Casa da Moeda <sup>(2)</sup>.

A parte do estudo relativa aos X réis de 1799 não findou com o trabalho de 1985, mas tem continuado sem desânimo embora com algum enfado, pela pouca receptividade na ajuda à busca de mais espécimes. Achamos agora ser altura de publicar tudo o que se apurou, para que não seja esforço perdido e, principalmente, para ajustamento do que então se escreveu, por crermos que, passados mais de seis anos na pesquisa de novos cunhos, pouco mais se irá futuramente avançar.

No estudo de 1985 foi possível analisar 88 moedas desta série de 1799, que se distribuíam, relativamente às ligações de cunhos, por oito grupos independentes, os quais ordenámos conforme o Mapa I, que voltamos a reproduzir.

Os 14 cunhos de anverso encontrados até 1985 são figurados por cima dos números correspondentes às moedas e os 15 cunhos de reverso são figurados por baixo. Com estes elementos escrevemos então que, no fabrico por balancé, poderia estimar-se uma produção de cerca de 14 000 moedas por cada par de cunhos. Com mais 78 exemplares analisados atingiu-se um conjunto de 166 moedas, que permite já, em nosso parecer, fixar conclusões. Para isso elaborámos o Mapa II e aproveitámos a oportunidade para alterar a sequência de alguns espécimes.

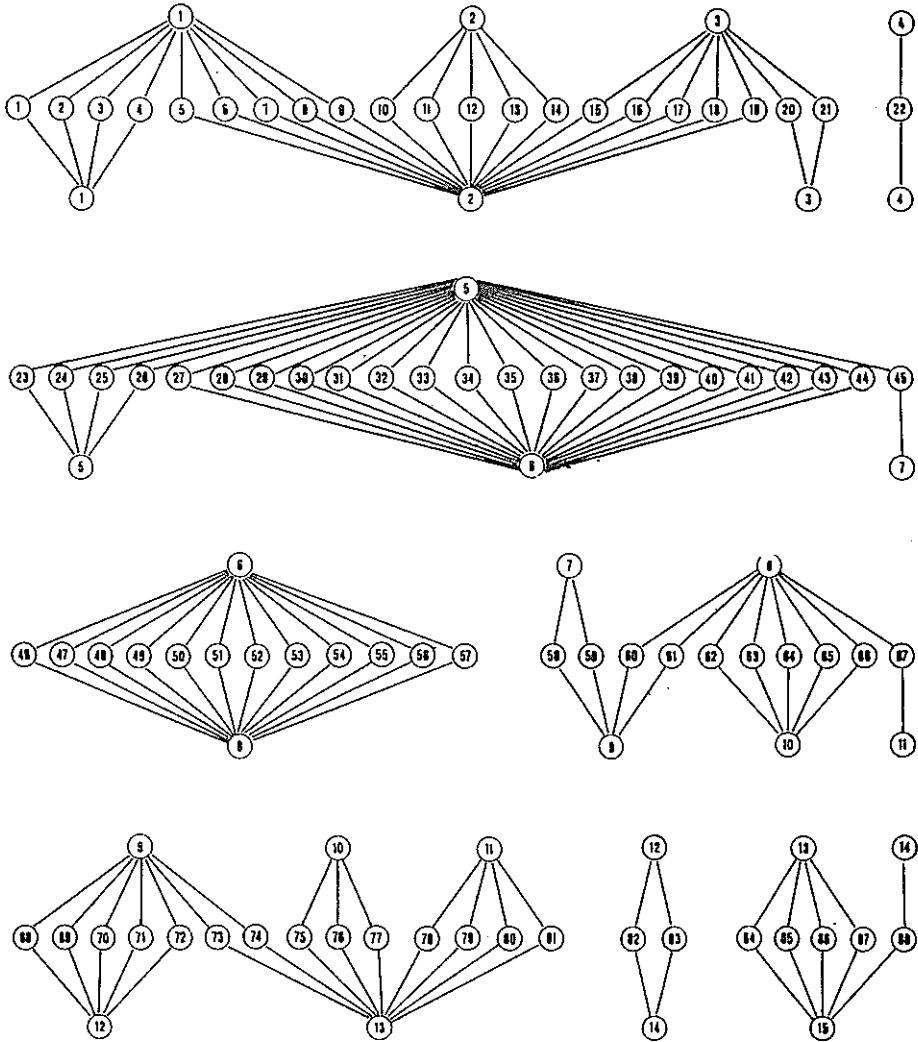
De facto, o bater contínuo dos cunhos no disco de cobre vai-lhes produzindo defeitos, traduzidos, à simples observação, mais frequentemente por obstruções do

---

<sup>(1)</sup> III Congresso Nacional de Numismática, Actas, Lisboa 1985, p. 255-271, designadamente p. 260-262.

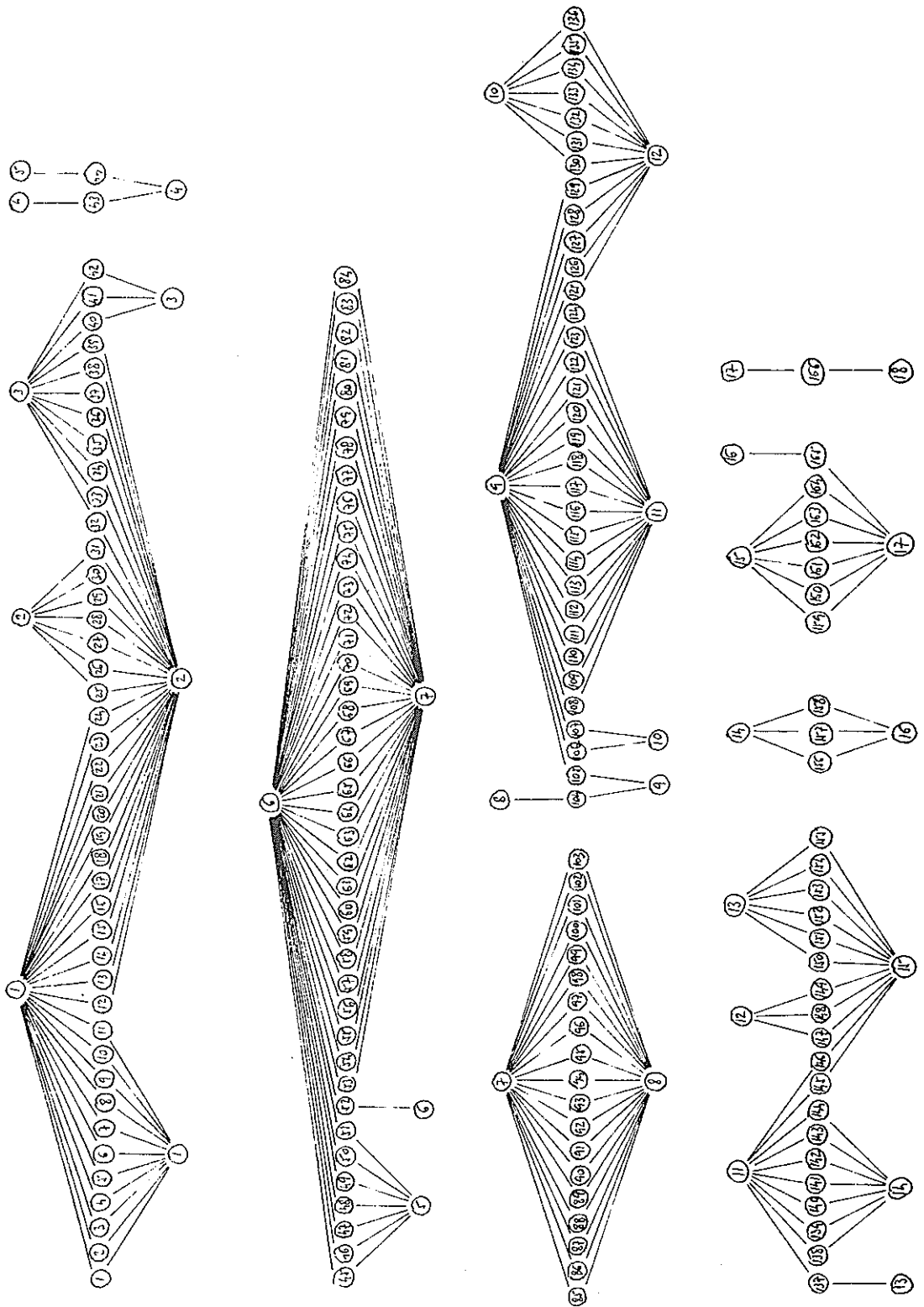
<sup>(2)</sup> A. C. Teixeira de Aragão, «Descrição geral e histórica das moedas...», Tomo II, Lisboa 1877, página 420 e seguintes, reproduz a «Estatística das moedas de oiro, prata, cobre e bronze...» cunhadas na Casa da Moeda a partir de 1752 e até 1876.

MAPA I — Ligações de cunhos em 88 moedas de X réis da emissão de 1799



desenho em linhas próximas, pequenas aberturas no metal, falhas e, por vezes, concavidade da orla. Todos os defeitos criados são transmitidos às moedas posteriormente cunhadas, e vão aumentando de tamanho com os batimentos seguintes, até que um dos cunhos fica incapaz de produzir peças aceitáveis, sendo substituído por outro. Em outros casos inutilizam-se os dois cunhos, dando lugar à entrada de um novo par e ao conseqüente aparecimento de novo grupo de moedas, sem ligação ao grupo anterior.

MAPA II — Ligações de cunhos em 166 moedas



Deste modo, a existência de qualquer defeito produzido pela cunhagem e a variação da sua dimensão em diversas moedas, permitem-nos agora seriar essas moedas dentro do grupo e, assim, definir a ordem de utilização dos cunhos com interligações. Pelo contrário, a seriação dos diferentes grupos de moedas, tal como a vemos nos Mapas I e II, é perfeitamente arbitrária, por não termos forma de conhecer a sua sequência ou mesmo se alguns deles tiveram origem em outro balancé:

Neste termos, relativamente à posição das moedas nos Mapas I e II, temos:

a) No antigo grupo numerado de 23 a 45 — agora 45 a 84 —, a última moeda foi mudada da posição final para a actual posição 52, por algumas espécies com o agora reverso 7 aparecerem com fractura no R de MARIA, o que aquela não apresenta.

b) Também o antigo grupo de moedas 58 a 67 teve a sequência invertida, por se ter notado que a letra N está fracturada nas peças n.ºs 58 e 59 e também numa outra a seguir, pelo que serão, dentro do grupo, espécies finais e não iniciais. Assim, aquela moeda 67 é agora a 107, tendo aparecido uma nova moeda igual a esta e, neste grupo, ainda duas diferentes, uma a 105, com o anverso daquelas mas com um novo reverso — o n.º 9 —, e a outra com este reverso e um novo anverso, a que demos o n.º 8.

Esclarece-se que a colocação das moedas de reverso 10 dentro do grupo é arbitrária, pois não se tendo notado falhas do seu anverso, ou outras anomalias, o seu posicionamento relativamente às moedas com cunho de reverso numerado 11, tanto pode estar correcto como ser entre as peças números 124 e 125.

Nas moedas observadas posteriormente ao primeiro estudo, além das já citadas, outras mostraram a utilização de mais cunhos no fabrico desta série de 1799, a saber:

1) O aparecimento no Porto de uma espécie com reverso igual ao da antiga n.º 22, mas de anverso ainda não registado, à qual se deu o novo número 44.

2) Ligada ao anterior grupo n.ºs 68 a 81, distribuído no Mapa II pelos n.ºs 138 a 155, apareceu uma moeda com o agora anverso 11, mas com novo reverso — n.º 13 —, que foi colocada no n.º 137. A sua posição foi definida por o R de GRATIA ter a parte superior bem delineada, aparecendo a cheio em algumas das moedas seguintes — presumível lasca ou falha no cunho.

3) Nas últimas moedas que observámos, de uma colecção do Norte do País, foi encontrado um espécime com cunhos de anverso e reverso ainda não conhecidos, o que veio aumentar para nove o número dos grupos; deu-se-lhe o n.º 166.

Neste estudo, tem interesse focar que, com as 88 moedas inicialmente analisadas, ficaram praticamente definidos os grupos de ligações de cunhos. Isto indica que, para estas emissões, um conjunto de, aproximadamente, cem moedas, de proveniências diferentes, será suficiente para determinar, com uma margem de erro que se admite aceitável, a quantidade de cunhos utilizados no seu fabrico e as ligações entre eles.

Se é certo que, com as 78 moedas depois observadas, foi definido um novo grupo, este engloba um exemplar apenas, e a importância de termos continuado a pesquisa até às 166 moedas está na revelação de mais três aversos e três reversos, representados em moedas únicas, de aparecimento casual. Elas trazem consigo o conhecimento mais perfeito da quantidade de cunhos utilizados no fabrico desta série, com reflexo na quantidade de peças produzida por cada par de cunhos.

Assim se, para a emissão desta moeda de X réis, foram utilizados 18 pares de cunhos (concretamente 17 pares e mais um reverso), e não 15 pares (14 pares e mais um reverso) como em 1985 se admitiu, a quantidade média de moedas, produzida por cada par de cunhos, baixará para cerca de 12 200.

O recurso a fórmulas matemáticas, como as de Giles Carter, para o cálculo do número original de cunhos de uma série a partir dos cunhos encontrados numa determinada quantidade de moedas dessa série, conduz no caso vertente, e com as adições agora reveladas, a:

- 1 — Para o averso, o provável uso de 18 cunhos ( $D = 17,3 \pm 0,44$ );
- 2 — Para o reverso, o provável uso de 19 ou 20 cunhos ( $D = 18,4 \pm 0,5$ ).

Com base em dados experimentais, recolhidos na observação do comportamento dos cunhos de séries semelhantes, de Pedro II, batidas em 1699 e 1703, e de D. João V, dos anos de 1713 a 1721, temos também a percepção de que, eventualmente, poderão ter sido usados na série de 1799 mais um ou dois cunhos para cada face. Atente-se que o comportamento dos cunhos que foram encontrados nesta série é muito variado, reforçando, igualmente, a possibilidade de existir um ou outro cunho dificilmente documentável hoje. Em 166 moedas, para 35 cunhos que se revelaram, nada menos de 8 (quantidade próxima de 23% do total achado) estão representados por moedas únicas, o que mostra para esses cunhos, um tempo de trabalho bastante curto, se o compararmos com o que foi documentado em 40 espécies (averso n.º 6), ou ainda em 32 (reverso n.º 7), também em 28 (reverso n.º 2), em 25 moedas (averso n.º 9), em 24 (averso n.º 1), ou mesmo em 19 moedas (averso n.º 7 e reverso n.º 8).

O contributo dos cunhos representados por uma só moeda poderá ser melhor apreciado colocando o problema sob outro ponto de vista. Admitindo que a série de 1799 foi produzida apenas pelos 35 cunhos encontrados e que o fabrico se distribuiu proporcionalmente à representação das espécies no Mapa II, o cunho de averso 6 terá atingido uma presença excepcional em 52 947 moedas e, por exemplo, o averso 7 e o reverso 8 terão batido 25 150 peças, mas os cunhos figurados no Mapa II por um único espécime terão, cada um, contribuído, em média, para 1324 exemplares.

A média acima referida, de 12 200 moedas por par de cunhos, corresponde no Mapa II a uma produção que não alcança a do averso 11, documentado por 10 moedas, pois representará, teoricamente, 9,22 exemplares.

Sendo, pois, uma verdade evidente, que os cunhos de maior tempo de utilização foram todos encontrados, já se colocam muitas reservas ao aparecimento de todos os cunhos que tiveram uma produção inferior à média das 1324 moedas.

Com este quadro, não se nos afigura redução exagerada se fixarmos, para a cunhagem do cobre e para aquela época, uma produção média de 11 000 moedas por cada par de cunhos.

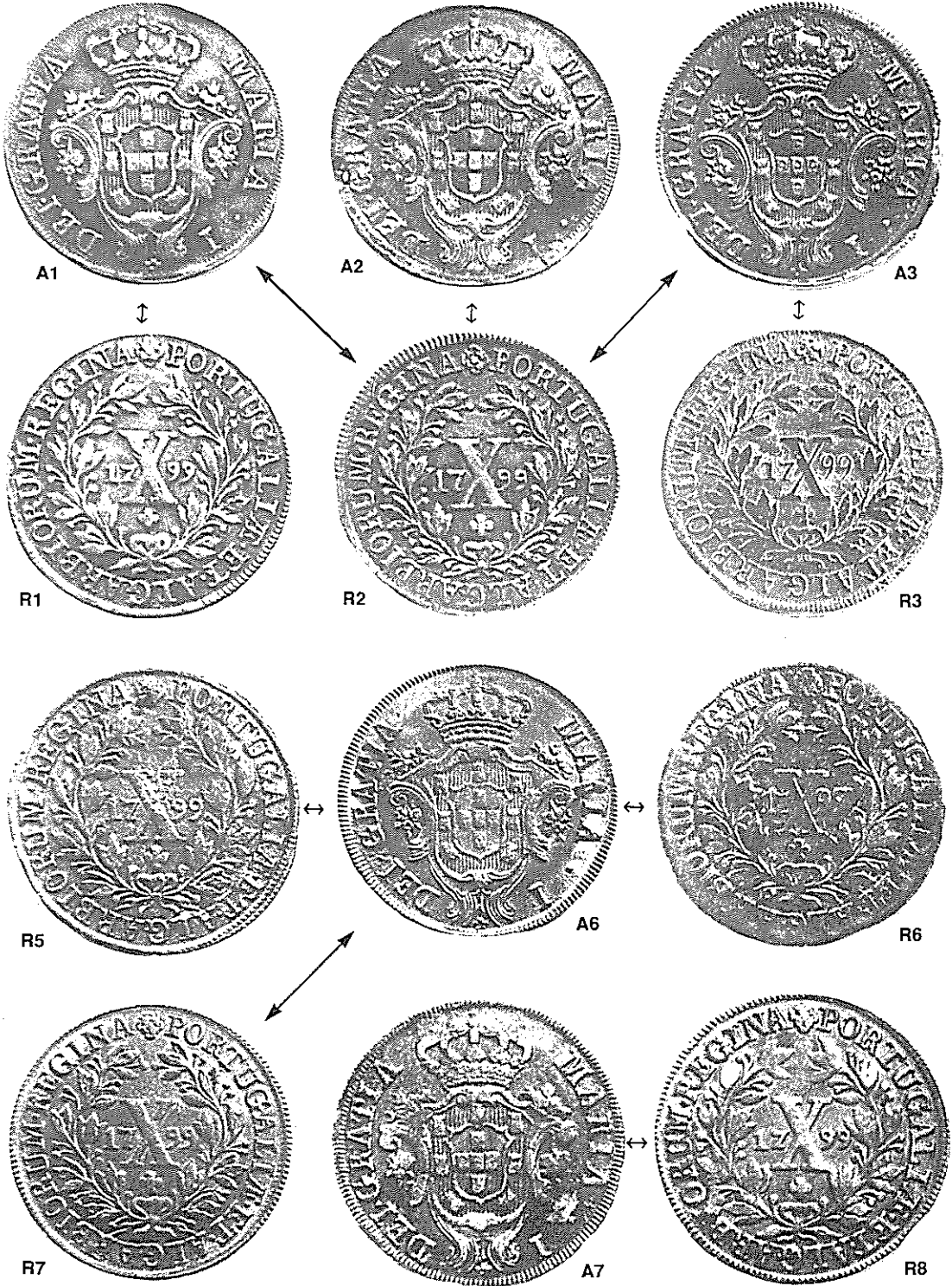
#### AGRADECIMENTO

O autor agradece a colaboração de directores de museus, de coleccionadores e de comerciantes de moedas, os quais facultaram a observação da grande maioria das peças, facilitando também os registos por decalque e fotográfico, sem o que seria impossível a concretização deste trabalho.

As fotografias apresentadas como comprovativas dos cunhos encontrados, são das seguintes moedas, escolhidas pelo seu estado de conservação:

A 1-R 1:	moeda n.º 2,	com o peso de	12,78g (Dr. João Mendes de Almeida)
A2	: moeda n.º 30,	com o peso de	12,35g (Dr. João Mendes de Almeida)
A 3-R 2:	moeda n.º 35,	com o peso de	14,12g (do autor)
R3	: moeda n.º 41,	com o peso de	12,16g (do autor)
A4	: moeda n.º 43,	com o peso de	11,74g (do autor)
A 5-R 4:	moeda n.º 44,	com o peso de	11,72g (Dr. Jorge Valladares Souto)
R5	: moeda n.º 51,	com o peso de	11,67g (do autor)
R6	: moeda n.º 52,	com o peso de	11,22g (do autor)
A 6-R 7:	moeda n.º 80,	com o peso de	12,95g (do autor)
A 7-R 8:	moeda n.º 86,	com o peso de	11,42g (Sr. Carlos Marques da Costa)
A8	: moeda n.º 104,	com o peso de	11,52g (do autor)
R9	: moeda n.º 105,	com o peso de	13,87g (Sr. Carlos Marques da Costa)
R10	: moeda n.º 106,	com o peso de	12,64g (do autor)
A 9-R11:	moeda n.º 121,	com o peso de	11,56g (do autor)
A10-R12:	moeda n.º 131,	com o peso de	13,03g (Sr. Carlos Marques da Costa)
A11-R13:	moeda n.º 137,	com o peso de	13,08g (do autor)
R14	: moeda n.º 142,	com o peso de	11,61g (Eng.º Raúl Moura Antunes)
A12-R15:	moeda n.º 147,	com o peso de	11,97g (Museu Num. Port., n.º inv. 14 734)
A13	: moeda n.º 150,	com o peso de	13,05g (Sr. Carlos Marques da Costa)
A14-R16:	moeda n.º 158,	com o peso de	10,81g (do autor)
A15	: moeda n.º 160,	com o peso de	12,02g (Dr. João Mendes de Almeida)
A16-R17:	moeda n.º 165,	com o peso de	12,28g (Eng.º Raúl Moura Antunes)
A17-R18:	moeda n.º 166,	com o peso de	11,06g (Sr. Francisco Santos)

Fotos comparativas dos diferentes anversos e reversos



Fotos comparativas dos diferentes aversos e reversos



A4



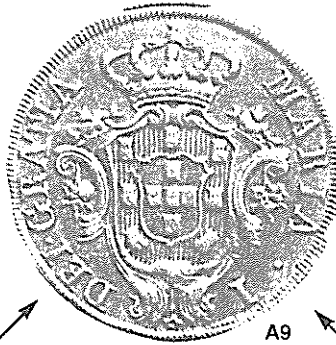
R4



A5



A8



A9



R11



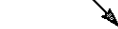
R9



R10



R12



A17



R18



A10



Fotos comparativas dos diferentes aversos e reversos



